

M - Identificação e Caracterização de Tombamentos

Embora a operação normal do FPU P-53 em alto mar não represente danos ao Patrimônio Histórico e Arqueológico da área de influência do empreendimento, uma vez que a maioria dos sítios arqueológicos identificados na região e cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN encontra-se em território continental, que se caracterize pelo derramamento de óleo, sem que nenhuma medida seja executada para evitar a aproximação e eventual contaminação da costa, de acordo com a modelagem de dispersão da mancha realizada para esse estudo.

✓ Arqueologia Regional

A região norte do Estado do Rio de Janeiro vem sendo alvo de pesquisas arqueológicas sistemáticas desde a década de 40, que em sua maioria tratava de sítios arqueológicos isolados. Devido a esse tipo de abordagem, os dados disponíveis, embora frutos de um volume de publicações elevado, muitas vezes mostram-se incompletos, dificultando o delineamento de um quadro regional mais amplo. A partir dos dados disponíveis, pode-se caracterizar a Arqueologia Fluminense a partir dos períodos pré-histórico e histórico. Para delinear um quadro da arqueologia regional, na área de influência indireta do empreendimento optou-se por se restringir a área do Norte Fluminense.

As ocupações do período pré-histórico, de modo geral, podem ser colocadas como iniciando em torno de ± 10.000 A.P. (Mendonça de Souza, 1995), chegando aos grupos indígenas encontrados pelo colonizador. Dentre esses grupos, deve-se destacar o papel de grupos como os Goitacás, que mesmo com um contato intenso com o europeu, através das sucessivas batalhas travadas, optou por permanecer com o seu padrão cultural, culminando, de acordo com alguns autores, na sua união com o grupo Puri. No que diz respeito ao período histórico, têm-se dois tipos de sítios que devem ser observados. O primeiro tipo é de sítios que possuem remanescentes da vida cotidiana dos grupos de colonizadores europeus que aqui chegaram. O segundo tipo representa os sítios de origem da etnia negra, resultado tanto do sistema escravista (senzalas, cemitérios, muros,

etc.), quanto dos movimentos de revolta desses escravos (quilombos e outros assentamentos).

Na região estudada foram identificados junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, 116 Sítios Arqueológicos em área continental. São listados a seguir os sítios da área de influência indireta do empreendimento, em atendimento ao termo de referência dedicado ao balizamento desse estudo.

Os sítios estão concentrados nos municípios de Maricá (2), Saquarema (17), Arraial do Cabo (21), Araruama (9), Armação dos Búzios (11), Cabo Frio (48), Campos dos Goytacazes (2), em Macaé (4), Casimiro de Abreu (1) e em Quissamã (1). O Quadro II.5.3-43, a seguir, apresenta a identificação e denominação dos sítios. Vale destacar em Quissamã o Sítio Arqueológico de São Miguel de Barra do Furado que se encontra comprovadamente próximo à área litorânea, localizado vizinho à região onde deverá ser implantado o trecho terrestre do oleoduto de 34", em faixa de restinga em Barra do Furado.

Quadro II.5.3-43 - Sítios Arqueológicos na Área de Influência Indireta.

MUNICÍPIOS	SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
Maricá	Sítio Cordeirinho
	Sítio do Lucca
Saquarema	Sambaqui do Hotel Yacht Club
	Sambaqui da Beirada
	Sambaqui da Ponte do Girau
	Sambaqui da Pontinha
	Sambaqui de Jaconé
	Sambaqui de Manitiba I
	Sambaqui de Saquarema
	Sambaqui do Boqueirão
	Sambaqui do Mõa
	Sambaqui do Saco
	Sambaqui do Mário Nunes
	Sítio Arqueológico de Barreira
	Sítio Arqueológico do Lego
	Sítio Arqueológico do Porto da Roça I
	Sítio Arqueológico do Porto da Roça II
	Sítio Arqueológico Mendonça dos Santos
	Sítio Arqueológico Manitiba II

(continua)

Quadro II.5.3-43 (continuação)

MUNICÍPIOS	SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
Arraial do Cabo	Abrigo sob Rochas
	Brejo do Mato n.1
	Brejo do Mato n.2
	Caverna do Boqueirão
	Lagoa Salgada n.1
	Lagoa Salgada n.2
	Massambaba
	Morro da Ponta da Cabeça
	Polídor Fixo da Praia Grande
	Sambaqui de Massambaba
	Sambaqui do Morro da Concha
	Sítio Arqueológico da Ilha de Cabo Frio
	Sítio Arqueológico da Ponta da Cabeça
	Sítio Arqueológico das Dunas da Praia Seca
	Sítio Arqueológico Histórico Forte do Sururu
	Sítio da Ilha de Cabo Frio
	Sítio da Praia Grande
	Sítio da Prainha
	Sítio da Ruína
	Sítio do Condomínio do Atalaia
	??? (em processo de escolha do nome)
Araruama	A1 (MHSRJ/CBA)
	Novo Horizonte
	São José
	Serrano
	Sítio Arqueológico de Pau Brasil
	Sítio Arqueológico de São Vicente de Paula
	Sítio Arqueológico de Venda Grande
	Sítio da Igreja
	Sítio do Broca
Armação dos Búzios	Amarras
	Barracuda
	Dunas da Casa do Sr. Abel
	Sambaqui da Ponta do Geribá
	Sambaqui dos Tucuns
	Sítio Arqueológico da Praia de Geribá
	Sítio Arqueológico dos Campos Novos II

(continua)

Quadro II.5.3-43 (continuação)

MUNICÍPIOS	SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
	Sítio Clube da Esquina
	Sítio do Ouriço
	Sítio Duna Geribá
	Sítio Geribá II
Cabo Frio	1° Plateau
	Abrigo Praia dos Anjos
	Alinhamento de Pedras Formando Ângulo Reto
	Arrumação de Pedras em Feitio de Grega
	Boca da Barra
	Casa de Pedra Francesa
	Duna da Boa Vista
	Fortaleza Inglesa
	Ilha Palmeira
	Morro da Guia
	Pátio do Convento Nossa Senhora dos Anjos
	Polidores de Cabo Frio
	Quilombo
	Sambaqui Antônio Reis
	Sambaqui da Ilha da "Boa Vista"
	Sambaqui da "Ilha do Vigia"
	Sambaqui da Fazenda Batelão
	Sambaqui da Fazenda da Malhada
	Sambaqui da Ilha da Boa Vista II
	Sambaqui da Ilha da Conceição
	Sambaqui da Ponta do Arpoador
	Sambaqui da Salina Peroano
	Sambaqui do Forte
	Sambaqui do Tambor
	Sambaqui Fernandes do Couto
	Sistema de Captação de Água
	Sítio Arco-Íris
	Sítio Arqueológico de Manguinhos
	Sítio Arqueológico do Cemitério de Cabo Frio
	Sítio Arqueológico do Meio
	Sítio Arqueológico do Rio Una I
	Sítio Arqueológico do Rio Una II
	Sítio Arqueológico Histórico Conjunto de Lajes com Desenhos Esculpidos

(continua)

Quadro II.5.3-43 (conclusão)

MUNICÍPIOS	SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS
	Sítio Arqueológico Histórico da Boca da Barra
	Sítio da Boca da Barra
	Sítio da Concha
	Sítio da Depressão
	Sítio da Malhada
	Sítio da Salina do Perú
	Sítio das Dunas do Perú
	Sítio do Forte (Sede Náutica do Tamoio)

Fonte: Home Page IPHAN (11/04/03)

✓ *Ocupação Pré-histórica*

As primeiras ocupações registradas para o Estado do Rio de Janeiro, remontam a grupos caçadores-recoletores generalizados, cujo principal vestígio são os artefatos lascados de quartzo (hialino). A pesquisa desses grupos ainda é reduzida na região, mas o norte do estado tem apresentado vestígios de ocupações, em tipo de sítio e artefatos lascados, que podem ser associados aos grupos do estágio Paleoíndio, que tem uma cronologia em torno dos 11.000 anos A.P. “Pode-se mencionar, para sítios desses grupos, o trabalho de Dias Jr.”. (*apud* Gaspar, 1995) e o registro de um abrigo sob-rocha no município de Porciúncula. Na área do litoral registra-se a ocupação mais antiga em torno de 8.000 anos A.P., em sítios do tipo Sambaqui, que são acúmulos intencionais de conchas, que foram consumidas por grupos que se assentaram, preferencialmente, em regiões de mangue. Perota (Mendonça de Souza, 1992, comunicação pessoal) informa da existência de sambaquis fluviais, desde a desembocadura do rio Itabapoana, penetrando por sua calha, mesmo em áreas distante do mar, em água doce.

Em sua área litorânea foram identificadas ocupações que remontam as culturas sambaquieiras, com uma datação que remonta a 8.000 A.P. (*apud* Gaspar, 1995) e pelos grupos da Tradição Itaipu. Para a ocupação dos sambaquieiros foi identificada a fase Macaé (*apud* Gaspar, 1995) que dispõe de datações entre de 7830±130 e 3975±160 A.P., sendo que essa fase teria uma expansão que coloca os seus limites nos litorais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Esses grupos estariam assentados em áreas de mangues, com uma dieta voltada para o consumo de moluscos. Seus assentamentos são montes de conchas construídos para a habitação e enterramento.

A ocupação que sucede aos sambaquieiros é a chamada Tradição Itaipu, em suas duas divisões, a fase A e B, como sítios de ocupação de ambientes dunares, com uma dieta voltada para o consumo de peixes (*apud* Gaspar, 1995). Os sítios da fase A são localizados na beira de mangues e lagoas de pouco movimento, mais interioranas. Os sítios da fase B localizam-se em áreas de praias de mar aberto, fixando-se sobre dunas estáveis, com dimensões variáveis. Seu assentamento preferencial está relacionado ao final de longas praias, onde a curvatura do litoral é mais acentuada. *Apud* G. considera um fator importante para ocorrência desses sítios a existência de lagoas, em especial onde a arrebentação é menos violenta e que contam com mangues. Nas camadas superiores desses sítios pode ser observada a presença de material cerâmico, mas não há nenhuma relação estabelecida. O seu autor considera que esses grupos podem ter desenvolvido uma forma de cultivo incipiente de vegetação associada a essas lagoas.

A ocupação subsequente pode ser chamada de horizonte horticultor, quando chegam os grupos detentores de tecnologia cerâmica e domesticação de vegetais. O primeiro assentamento que chegou a esta área e foi registrado nesse horizonte, é a chamada tradição Una, formado por sítios de pequenas dimensões, classificados como de pequenas aldeias. Sua cronologia inicia-se por volta de \pm 1.450 A.P., até a chegada do elemento europeu na região. Trata-se de grupos que se assentam tanto no interior como no litoral, caracterizados por uma ocupação mais sedentária, indicando um tipo de cultivo incipiente. Identificada originalmente por *Apud* Gaspar, (1995) é composta pelas fases Urural, Mucuri, Ipuca, no Rio de Janeiro, Jucu e Tanguí, para o Espírito Santo (Perota, 1969 e 1974). Exemplos dessa tradição podem ser encontrados em outros estados, como Minas Gerais, Goiás e, possivelmente, Bahia.

Essas ocupações podem ser divididas em dois padrões: para o interior, os sítios, em sua maioria, ocupam abrigos sob-rocha, e no litoral são aldeias a céu aberto. Sua cerâmica é marcada por vasilhames de pequenas a médias dimensões, de contornos simples e, eventualmente, carenados. Seu antiplástico

predominante é o mineral (areia, quartzo, etc.), apresentando casos com utilização do carvão e da cinza. Sua superfície é predominantemente simples, com o tratamento entre bem alisada e polida, com raros casos em que se observa a decoração plástica. Além do material cerâmico, esta tradição possui uma indústria de artefatos em osso e concha bem marcados, além de artefatos lascados e polidos, tais como: lâminas de machado polido em diabásio, percutores em granito e diabásio, quebra-cocos, moedores e alisadores em gnaiss (Apud G., 1995).

✓ *Ocupação Histórica*

Como a Arqueologia está preocupada em recuperar e entender as formas sociais que o homem desenvolveu em seu passado, as formas sociais históricas que ocorrem na área do empreendimento, espelhadas na cultura material remanescente, também fazem parte do presente estudo. O processo de ocupação colonial de toda a região Norte Fluminense remonta as primeiras tentativas de estabelecimento de Benfeitorias Coloniais, como é o caso de Vila da Rainha, uma das primeiras cidades fundadas na região e que foi sucessivamente destruída pelos Goitacazes, embora ainda não tenha sido localizada (Mendonça de Souza, 1993).

Grandes fazendas foram estabelecidas na região com a implantação do ciclo da cana-de-açúcar, criando um grande patrimônio histórico a ser observado. Além disso, muitas dessas construções não chegaram aos dias atuais intactas, o que demandaria uma atenção de trabalhos arqueológicos. Soma-se a isso as outras formas de construções que existiram tanto nas fazendas, como nas pequenas cidades que remontam aos habitantes mais antigos da região, possibilitando reconstituir o processo ocupacional da área.

A partir desse ciclo econômico, um fato importante que marca uma nova forma de vestígios é a importação intensa de escravos da África, tornando essa região uma das mais ricas do estado, graças ao tráfico negreiro, que perdura mesmo com a proibição inglesa. Grandes fortunas foram feitas com essas atividades alavancando à economia da região e estruturando grupos poderosos, a partir da escravidão. Com essa importância econômica, cresce o número de

escravos na área, e com isso as construções destinadas a abrigá-los. Tem-se registrado a ocorrência de senzalas, pelourinhos e seus retos pela região (Mendonça de Souza, 1993), bem como outras construções.

Na sua área serrana, mais precisamente na Serra do Tardin, foi localizado na primeira campanha de prospecção do Programa Arqueológico Norte Fluminense, um cemitério de escravos, na fazenda de propriedade do senhor Mário Nunes, que já conta com enterramentos de pessoas de sua própria família. Ao redor do cemitério há um muro de pedra construído pelos escravos, sem nenhuma argamassa, e de acordo com informações do proprietário se estenderia por toda a fazenda e, hoje em dia, restariam apenas alguns segmentos do mesmo (Mendonça de Souza, 1983). Um outro tipo de sítio relacionado aos escravos foi localizado nessa região, que é o Cemitério de Manguinhos. Embora seja no litoral, o mesmo tem a importância de demonstrar uma prática, por parte dos comerciantes de escravos, de seleção dos mais fortes para a venda. Esta seleção era feita a partir dos enterramentos (não sepultamento) daqueles elementos que não teriam sobrevivido ao transporte até o Brasil, e daqueles que teriam alguma doença, conforme trabalho de Mendonça de Souza *et al.* (1994).

Em que pese às unidades de conservação da natureza presentes na região estudada (descritas no item dedicado ao diagnóstico do meio biótico), nas áreas costeiras dos municípios da área de influência indireta não há registro de Sítios do Patrimônio Mundial Natural e Reservas da Biosfera, ambos instituídos pela UNESCO.